

O PIQUENIQUE DAS FRUTAS: UM ENCONTRO ENTRE A CIÊNCIA E AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cristiane Socorro Okamura de Farias, Erivelton de Souza Mendonça, Geissy dos Reis Cruz Costa, Gyane Karol Santana Leal

*Universidade do Estado do Amazonas - UEA/ Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP.
crisokamura@hotmail.com, erivelton-@live.com, geissyreisflor@hotmail.com, gyanekarol26@hotmail.com.*

RESUMO:

Refletir sobre o Ensino de Ciências na prática pedagógica da Educação Infantil é reconhecer os desafios que o professor enfrenta para efetivá-lo. Partindo desse princípio, este relato de experiência objetiva promover uma reflexão acerca das possibilidades pedagógicas utilizando os espaços externos da escola para ensinar ciência, explorando atividades como piquenique das frutas. O estudo foi sustentado por teóricos como: Cardoso (2013), Fuentes (2012), De Ângelo (2011), Kramer (2002) e outros que versam sobre o tema. As observações e registros foram desenvolvidos durante uma prática de campo realizada por ocasião da disciplina Teoria e Prática da Educação Infantil com os acadêmicos do 8º período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. O percurso investigado demonstrou que o trabalho com Ciências na Educação Infantil torna-se de suma importância para que a criança possa intervir de forma crítica e consciente em seu contexto social, analisando o que vê e o que sente. Este é um compromisso que a escola infantil deve assumir como um exercício de formação autônoma e que irá refletir-se em uma tomada de consciência coletiva cidadã.

Palavras chave: Ensino de Ciências. Educação Infantil. Piquenique das Frutas.

INTRODUÇÃO

A experiência aqui vivenciada expõe os resultados da pesquisa de campo realizada no Centro Educacional Infantil “Aurora”, localizado na Avenida Nações Unidas, nº 3398. O referido educandário funciona nos períodos matutino e vespertino com 6 salas de aula, atendendo 251 crianças em turmas de Maternal, 1º e 2º Períodos, que residem no entorno da escola e bairros adjacentes.

Tendo em vista que o contexto de nossa pesquisa dar-se-ia na Educação Infantil, sentimos a necessidade de compreender o que se pensa hoje sobre o Ensino de Ciências nessa etapa de escolaridade? Qual sua real importância?

Compreende-se que a geração atual de cidadãos convive desde a mais tenra idade em uma sociedade caracterizada por um crescente desenvolvimento científico e tecnológico, onde ambos tornam-se cada vez mais importantes na vida cotidiana. É comum também ouvirmos que a ciência sempre está associada à tecnologia, quase sendo confundidas como um só conceito, ou como uma palavra composta.

Todavia é necessário esclarecer que ciência e tecnologia são diferentes. Para Fuentes (2012) “enquanto a ciência é a tentativa de compreender o mundo e de conhecê-lo tal como

ele é, a tecnologia é a tentativa de transformar o mundo naquilo que gostaríamos que fosse” (p. 9).

Como resultado de tal dinâmica, o avanço científico e tecnológico pode ser observado cotidianamente seja ao acordar pela manhã através do alarme do despertador ou poder tomar um antibiótico para aplacar um mal estar.

Fuentes (2012) afirma ainda que é por decorrência de todos esses avanços que a formação científica passou a ser vista como um requisito imprescindível para a educação das novas gerações desde a pré-escola, pois há a necessidade de compreender ao longo de nosso percurso educacional de que forma a ciência e a tecnologia podem influenciar nossas decisões pessoais e coletivas, especialmente em se tratando de aspectos legais e éticos.

E quanto mais cedo houver a possibilidade para desenvolver um ensino que encaminhe nossos educandos para tomadas de decisões coerentes, de modo que ele possa intervir criticamente e conscientemente em seu contexto social, analisando o que vê e o que sente, o que lhe é imposto, mais justa e harmônica será nossa relação em sociedade.

Partindo desse pressuposto, o Ensino de Ciências na Educação Infantil não deve ser considerado mais uma mera utopia, tendo em vista que hoje muitas instituições de Ensino Infantil são conscientes da sua importância e esforçam-se para oferecê-lo adequadamente.

Pozo (2012) acredita que para esta etapa da escolaridade o que deve ser trabalhado não são os modelos e conceitos científicos, mas sim oferecer estratégias para que as crianças percebam e compreendem o mundo a sua volta, sobretudo através de atividades prazerosas que realizam despretensiosamente, mas que são ricas em significado, como brincar com a própria sombra, mover um barco soprando, pôr um boneco em equilíbrio, ou fazer um piquenique com a turma.

É válido observar, que quando pequenas, as crianças normalmente têm uma relação prazerosa com os conhecimentos relacionados aos fenômenos da natureza e da sociedade. Sentem satisfação em formular perguntas sobre o assunto, fazer explorações e descobertas, levantar hipóteses e tentar explicar o que está em seu entorno.

Uma das tarefas essenciais do professor é fazer com que essa relação prazerosa com o conhecimento não se perca, sendo soterrada por uma rotina que dá ênfase a atividades cansativas, sem sentido e que não leva em consideração as necessidades e os anseios das crianças.

É por essas e outras questões que o Ensino de Ciências na Educação Infantil também tem sido considerado antes de tudo um desafio, pois muitas vezes, os professores encontram-

se em um mundo quase desconhecido, onde falta o domínio do que se está abordando.

Mohr (2012) defende que o professor além de ser um mediador das ações educativas, precisa ter conhecimento e segurança das atividades que irá propor. Por outro lado, deve sentir-se criança junto às crianças, explorando junto com elas as infinitas possibilidades de aprender sobre os fenômenos que ocorrem ao seu redor. Deste modo, o Ensino de Ciências na Educação Infantil deve respeitar acima de tudo a criança e suas potencialidades através de atividades que propiciem um aprendizado prazeroso e significativo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir da perspectiva lançada pela disciplina Teoria e Prática na Educação Infantil, buscou-se conhecer como o Ensino de Ciências é trabalhado nessa etapa da Educação Básica e de certa maneira registrar as vivências e percepções das crianças a partir desse ensino e a mediação do docente nesse processo, onde posteriormente os resultados traduziram-se em um documentário.

Mediante ao desafio proposto, organizou-se um roteiro para nortear as atividades que seriam desenvolvidas na escola pelos acadêmicos pesquisadores, para que pudéssemos sem maiores problemas conduzir nosso trabalho, priorizando sempre a parceria com a comunidade escolar.

Desse modo, iniciamos a escolha da turma que contribuiria na execução desse trabalho. Efetivado esse primeiro passo, nos reunimos novamente com a equipe gestora da escola para definirmos os encaminhamentos legais, como o Termo de Consentimento de Depoimento e Uso de Imagem, que autoriza através da assinatura tanto dos responsáveis, quanto da própria criança, a participação no documentário, visto que um trabalho de pesquisa utilizando fotografia torna-se vigoroso e potente instrumento para resguardar a memória e construir a subjetividade, por permitir que crianças e as pessoas com quem elas se relacionam possam se ver, ver o outro e a situação em que vivem (KRAMER, 2002).

Feito isso, organizamos os registros feitos na pesquisa para que posteriormente pudéssemos divulgar os resultados na III Mostra de Curtas Universitários: Vivências, Percepção e Territorialidades das Crianças da Amazônia, promovida pela Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA, que teve como objetivo discutir a infância no município de Parintins/AM, diante da construção das vivências, percepção e territorialidades.

Partindo desse princípio, contou-se com a colaboração da turma do 2º período da Educação Infantil, onde estudam 30 crianças, sendo que somente 26 delas participaram

efetivamente da atividade realizada, sob responsabilidade da professora da turma, que nos oportunizou conhecer como o Ensino de Ciências é trabalhado na Educação Infantil. É importante frisar que essa atividade já havia sido desenvolvida pela professora, porém, ela nos esclareceu que as crianças estariam desenvolvendo um novo momento, agora com a participação dos acadêmicos de Pedagogia do CESP/UEA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao entrar em contato com o objeto, o sujeito entra em contato consigo mesmo. Compreender a percepção de uma criança é levá-la a ter uma experiência perceptiva, é estar atento à suas formas próprias de explorar e perceber o que está a sua volta. Nessa concepção que a percepção vai se desenvolvendo, é “por meio das ações e exploração realizadas que a criança desenvolve habilidades de perceber, de sentir, de experienciar, de organizar e compreender o mundo onde se está” (CARDOSO, 2013, p.35). A aprendizagem da criança torna-se significativa no momento em que ela se envolve com o objeto, segurando, apertando, cheirando, colocando na boca, para que assim possa compreender o que está a sua volta.

Diante disso, para que pudéssemos compreender como se consolida o Ensino de Ciências na turma de II período da Educação Infantil do Centro Educacional Infantil Aurora buscamos observar e desenvolver junto com a professora da turma, atividades que levassem as crianças a perceber, a experimentar, a compartilhar conhecimento, vivências e aguçar suas percepções, tendo em vista que a escola deve proporcionar à criança esse espaço, na perspectiva de fazê-la compreender o mundo que a cerca.

Nesse sentido, a professora da turma viu a necessidade de potencializar essas habilidades nas crianças e percebeu que no privilegiado momento da refeição isso não era explorado. Desse modo, as crianças não tinham a oportunidade de ver o processo de preparo das frutas que eram postos em suas mesas e nem sequer chegavam a ver as sementes, as cores ou mesmo o formato das frutas que comiam.

Para mudar essa rotina, a professora propôs uma atividade na área externa da sala de aula, pois os espaços externos propiciam “[...] certas atividades que geralmente são realizadas apenas nas salas - como desenho, pintura, recorte, culinária. Fazer piquenique, tomar banho de sol com guarda-sol (em formato de tenda) [...]” (BARBOSA & HORN, 2004, p.75), com base nesse ponto de vista, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer diferentes frutas, prepará-las de maneiras variadas e ampliar o repertório alimentar.

Partindo desse princípio, o primeiro momento da atividade foi desenvolvido na cozinha da escola, onde a professora apresentou às crianças os diferentes tipos de frutas, regionais e não regionais, com intuito de esclarecer a origem de algumas e as qualidades de cada uma, assim como os seus componentes nutritivos. Nesse momento, a professora aproveitou a oportunidade para demonstrar as etapas do preparo da fruta para a alimentação, enfatizando a importância da higienização correta dos alimentos antes de serem ingeridos.

No desenvolver da atividade, percebeu-se o interesse e o entusiasmo das crianças em conhecer as novas frutas, que antes não haviam consumido, como por exemplo a romã e o kiwi, tirando dúvidas a respeito delas, nos remetendo às palavras de CARDOSO (2013, p.36) quando diz que “experiência perceptiva de exploração dos sentidos proporcionada pelas interações com o objeto durante as aulas, possibilita ao aprendiz e ao educador o aprimoramento de seu perceber, e a maior inter-relação educador – criança e criança [...]”, ficando evidente a vivacidade no olhar dos pequenos como representado na figura 01.



Figura 01: Apresentação das frutas
Fonte: Acadêmicos do Curso de Pedagogia, 2014

Após a higienização das frutas a professora organizou o piquenique ali mesmo no pátio da escola, onde selecionou as frutas que iriam ser trabalhadas fazendo com que as crianças indicassem a diferença entre elas, sua textura, sabor, cor, tamanho etc., levando-as a interagir com outros colegas, com a professora e com os acadêmicos pesquisadores, despertando nelas o interesse em conhecer, investigar, a indagar, cultivando sua atenção, a delicadeza, colocando-as para viver a experiência do tocar e sentir odores, sabores, formas e texturas.

Sentados em roda, a educadora propôs que as frutas fossem passadas de mão em mão para que todos pudessem sentir o cheiro delas, perceber as que

eram mais firmes ou macias e ainda ver sua cor vibrante, como registrado na figura 02.



Figura 02: Piquenique das frutas
Fonte: Acadêmicos do Curso de Pedagogia, 2014

Em seguida, a professora com auxílio dos acadêmicos, proporcionou aos alunos uma vivência de exploração dos sentidos, uma dinâmica na qual com os olhos vendados as crianças degustavam as frutas e a partir daí tinham que perceber por meio do olfato e do paladar qual a fruta que estaria comendo. As frutas eram entregues às crianças em pequenos pedaços, fazendo com que elas degustassem e em seguida adivinhassem quais estavam provando. Ao sentir o sabor, as reações eram imediatas “já sei, já sei! é o abacate”. Nesse momento, as crianças passaram a interagir com a turma e com a professora, a partir de uma dinâmica utilizando as frutas, como demonstrado na figura 03.



Figura 03: Dinâmica com as frutas
Fonte: Acadêmicos do Curso de Pedagogia, 2014.

Após as crianças terem conhecido as características externas e internas das frutas, assim como suas composições nutritivas e suas origens, passaram a montar o então esperado churrasco de frutas, onde selecionaram sua fruta favorita no palito de churrasco. Nesse momento, a professora promoveu uma roda de conversa

perguntando quais frutas selecionaram e alguns responderam “abacaxi, melão, banana, uva”; outra criança respondeu “melancia, kiwi, romã, goiaba, abacate”. É importante destacar que as vivências se instituem verdadeiramente a partir do momento de construção e de troca de diálogo entre os diferentes sujeitos. Um discurso que merece destaque para essa análise é feita por De Ângelo (2011, p. 60), onde afirma “[...] a roda de conversa vem sendo entendida e assumida como uma atividade significativa, na qual a criança, constituindo-se como sujeito da fala (e da escuta), é desafiada a assumir um papel mais ativo na comunicação [...]”. Percebeu-se que nesse momento, as crianças com dificuldade de interagir com os outros, passaram a conversar, a perguntar sobre a construção do churrasco de cada colega, como representado na figura 04.



Figura 04: Montagem do churrasco de frutas
Fonte: Acadêmicos do Curso de Pedagogia, 2014.

Posteriormente a isso, houve a conversa com a turma quando cada criança teve a oportunidade de falar um pouco sobre sua experiência, o que achou do piquenique, se gostou das frutas e o que aprenderam na atividade proposta para aquele dia, como registrado na figura 05.



Figura 05: Relato das experiências vivenciadas
Fonte: Acadêmicos do Curso de Pedagogia, 2014.

desenvolvimento da atividade, o contato e a troca de experiência das crianças umas com as outras, bem como a professora e acadêmicos pesquisadores, quando a exploração dos alimentos proporcionou um espaço de construção de conhecimento, deixando-as mais extrovertidas nas suas relações estabelecidas com o meio, além de favorecer a autonomia e a segurança de suas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto acadêmicos do curso de Pedagogia tornou-se importante conhecermos através da pesquisa de campo que posteriormente traduziu-se em um documentário, como é efetivado o Ensino de Ciências na escola infantil, como as crianças apreendem esse ensino, bem como o professor media esse conhecimento.

Nesse sentido, Kramer (2002, 45-46) nos auxilia a compreensão quando ressalta que trabalhos realizados com crianças nos, “ajudam a construir [...] outro modo de olhar a infância, revelando o seu próprio olhar [...] como ela pensa, sente e imagina o mundo e também a encontrar outra maneira de falar da infância e de ouvir as crianças [...]”, autorizando-as através dessa prática educativa ouvir sua fala de maneira autônoma e emancipatória. Visto que, aprender Ciências nessa etapa da escolarização requer construir novas competências ou capacidades cognitivas, além de novas linguagens e sistema de representação que permitam encarar a realidade com lentes e mentes diferentes.

Com base nessa perspectiva, a escola infantil deve proporcionar o cenário para que a criança compreenda melhor como percebe o mundo e como acredita que as coisas acontecem, bem como explore a ciência intuitiva trazida por cada um. Corroborando com essa perspectiva, De Ângelo (2011, p. 63) defende que “[...] a educação infantil foi assumida como um espaço-tempo propício para o exercício democrático da fala entre os seus diferentes sujeitos [...] na medida em que apreende o mundo e que o reinterpreta por suas ações [...]”, oportunizando-as compartilhar ou comparar conhecimentos com as outras crianças como percebido no trabalho com o “Piquenique das frutas” aqui desenvolvido pela professora da turma, onde elas tiveram a oportunidade de relatar suas experiências a partir do que haviam compreendido.

Nesse sentido, o trabalho docente deve ser direcionado a guiar a exploração das crianças e suas explicações sobre o que observam para que possa possibilitar um espaço de aprendizado pautado no exercício democrático da linguagem.

Portanto, no decorrer desta pesquisa, procurou-se registrar o que se constatou durante a realização da pesquisa, visto que, conhecer como é efetivado o Ensino de Ciências e as formas como é incorporado nas atividades da escola, tornou-se de fundamental relevância, pois passou a dar sentido aos fundamentos da prática pedagógica dos professores em formação, deixando-nos claro que o trabalho com Ciências na Educação Infantil torna-se de suma importância, para que a criança possa intervir de forma crítica e consciente em seu contexto social, analisando o que vê e o que sente. Este é um compromisso que a escola infantil deve assumir como exercício de formação autônoma e que irá se refletir em uma tomada de consciência coletiva cidadã.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gladis. **Educação Infantil**. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.

CARDOSO, Débora da Silva. – **Despertar da percepção na educação Infantil: caminhos para uma aprendizagem totalizante**. Dissertação (Mestrado em educação, Arte e história da cultura), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. p.35-36

DE ANGELO, Adilson. O espaço-tempo da fala na Educação Infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloisa Candal. **Educação Infantil: Enfoques e Diálogos**. Papyrus Editora. 2011, p.53-65.

FUENTES, Selma Simonstein. O porquê e o como das ciências na Educação Infantil. **Pátio-Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 33, p. 9-11, out/dez. 2012.

KRAMER, Sonia. **Autoria e autorização**: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa, Rio de Janeiro, n. 116, p. 41-59, junho/2002.

MOHR, Martina. A importância do trabalho com Ciência Naturais na Educação Infantil. **Pátio- Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 33, p. 20-22, out/dez. 2012.

POZO, Juan Ignacio. Educação Científica na primeira infância. **Pátio- Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 33, p. 4-7, out/dez. 2012.

Obra consultada

HORN, Maria. da Graça. Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.